

SUSTENTABILIDADE  
POR CAROLINA OVERMEER



# ATOS E FOTOS

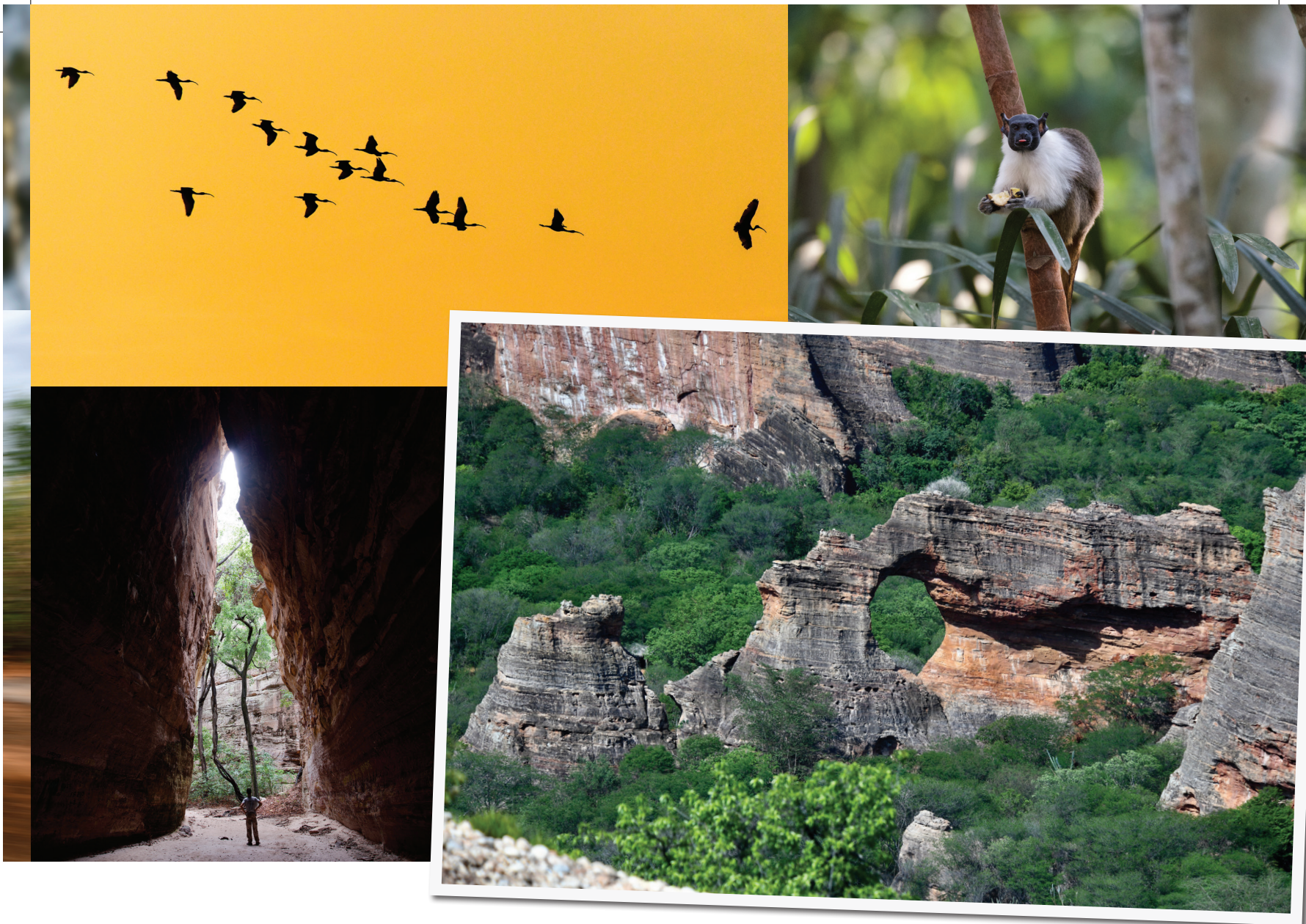
Fotógrafo e ambientalista Mario Barila ajuda a reflorestar o Brasil com seu exército de um homem só

**e**stamos em setembro de 2024. Os relatos são de seca extrema no Pantanal e na Amazônia; há incêndios por toda parte; rios atingem mínimas recorde; animais estão morrendo. O Acre declara situação de emergência; Rondônia está envolta em fumaça; São Paulo também pega fogo. É uma má notícia atrás da outra. Ainda bem que, vez ou outra, alguém levanta do sofá e faz alguma coisa. Ao contrário da maioria, que vira a página do jornal sempre que o assunto embrulha o estômago e incomoda, meu amigo Mario Barila reage indignado (atente-se às Cartas do Leitor e verá que, dia sim, dia não, é ele quem assina os textos mais contundentes da seção nos principais jornais do país). Fotógrafo, ambientalista e velejador chegado a aventuras, ele tem viajado o Brasil plantando árvores, montando viveiros, cavando poços, ajudando como pode, sozinho, armado apenas de sua Nikon. Falamos ao telefone e ele me contou que, ao ler sobre a seca do Acre, resolveu ir até lá. “Dessa vez eu vou junto!”, prometi do outro lado da linha.

Desde que recebeu o título de Cidadão Honorário de Ilhabela, em 2014, por ter promovido o plantio de árvores e doado computadores para as escolas das comunidades tradicionais da Ilha, Barila entendeu que poderia replicar sua receita por todo o Brasil, ajudar muito mais gente e manter vivo esse orgulho por ter feito algo de bom e generoso. No ano seguinte, visitou Mariana, em Minas Gerais, logo após o rompimento da Barragem do Fundão, desastre causado pela empresa Samarco. “Coloquei 500 mudas de árvores da Mata Atlântica no porta-malas do meu carro, dirigi até lá e entreguei para a Secretaria do Meio Ambiente. Foi uma pequena ação diante do enorme estrago que havia acontecido”, conta. De lá para cá, ele não parou mais; batizou seu projeto de Água Vida e saiu rodando o país. “Eu visito regiões degradadas, afetadas por desastres, identifico suas necessidades e procuro ajudar como posso”, explica.

Para financiar suas expedições, Barila põe em prática as aulas de fotografia que tomou com o mestre Araquém Alcântara, clica a natureza ao redor, as comunidades, depois expõe e vende suas belíssimas fotos (também disponíveis no site [mariobarila.com.br](http://mariobarila.com.br)).

FOTOS: CORTESIA MARIO BARILA



Semana passada, encontrei-o em São Paulo, tomamos um café moído e coado na hora, e ele me resumiu seus feitos impressionantes: na Chapada dos Veadeiros, Goiás, ajudou a Associação Cerrado de Pé comprando uma lona para cobrir o galpão de sementes usadas em um projeto de semeadura direta; no Pantanal, Mato Grosso do Sul, cedeu ninhos artificiais para salvar a arara-azul da extinção e colaborou com a plantação de mil árvores na Serra da Bodoquena; na Bahia, comprou equipamento de proteção para as marisqueiras da Baía de Todos-os-Santos e de pesca para os pescadores do Rio Vermelho, depois do desastroso derramamento de óleo nas praias do Nordeste. Em Fernando de Noronha, Pernambuco, ele promoveu a implantação de um viveiro para ajudar a reflorestar o arquipélago; na Ilha do Mel, Paraná, fez campanha contra a construção de um porto cheio de irregularidades; em Niterói, Rio de Janeiro, cedeu mudas para arborizar áreas em risco de deslizamento; nos Lençóis Maranhenses, doou computadores e antenas de internet rural para as escolas dos oásis; na ilha de Cotijuba, Pará, auxiliou a Associação das Mulheres das Ilhas de Belém a fazer um poço artesiano e um viveiro de plantas amazônicas medicinais. A lista é longa; seu carro que o diga. “A escala do meu trabalho é ainda reduzida, mas eu faço o mais difícil, que é encontrar in loco os parceiros adequados para cada ação. Agora imagine se, ao invés de doar de 5 a 10 mil reais cada vez, eu tivesse apoio financeiro para multiplicar as ações. O momento é de expandir, estou aberto a novos colaboradores”, avisa.

Este ano, quando as chuvas intensas alagaram o Sul do Brasil, Barila levou um carregamento de sementes de grãos e legumes para um assentamento de pequenos agricultores. E, no caminho, ainda visitou o projeto do qual tornou-se parceiro no Paraná, o Araucária Viva, que vem zelando pela sobrevivência desse lindo pinheiro de tronco reto e copa em forma de cálice, conhecido por dar o pinhão, que infelizmente está em risco de extinção (resta apenas 1% da espécie). O risco de extinção no Brasil deve ser calculado pelos biomas mais ameaçados; o próximo que está perto de ser erradicado é o Pantanal.

Antes de ir para a expedição ao Acre, onde pretende implantar mais um viveiro de árvores nativas e fotografar o Parque Nacional da Serra do Divisor, na fronteira com o Peru, ele ainda visitou Ribeirão Preto, doou mudas de árvores frutíferas e insumos para a Apae local poder construir seu viveiro. A parte fotográfica dessa etapa foi com duas bailarinas retratadas no cenário pós-apocalíptico das queimadas.

“O Brasil não tem tradição de doações; a elite brasileira poderia desempenhar um papel muito maior nas ações sociais e ambientais no país. Seria formidável se as ajudas fossem mais estimuladas e facilitadas, se houvesse menos burocracia nessa área. O meio ambiente merece uma lei de incentivo tal como tem a cultura. O social precisa de mais apoio da iniciativa privada. O verbo ajudar tem de se tornar *cool*, porque nada impede você de ter o carro do ano e ao mesmo tempo se engajar em um projeto como o Água Vida.”